

menos é mais

«Fascina-nos a relação da tecnologia com a nostalgia»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
MARGARIDA VENTOSA



O atelier menos é mais tem desenvolvido uma pesquisa singular centrada na temática da tecnologia. Para Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes, a tecnologia não se apresenta nem como um mero meio instrumental, nem como simples resultado expressivo. Interessa-lhes antes, explorar conceptual e perceptivamente a ideia de tecnologia moderna, nas suas possibilidades de investigação radical da realidade concreta.

arq|a: Formaram-se ambos na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, em 1991. Como foi a vossa experiência formativa na FAUP? Consideram-se descendentes do que habitualmente se denomina como “Escola do Porto”? Curiosamente, numa entrevista à NU, colocam-se numa posição “contra-corrente”, desferindo uma crítica incisiva ao “método de projecto”, baseado no desenho e no “esquisso”. Que abordagem e metodologia vos interessava?

Cristina Guedes + Francisco Viera de Campos: Desenhar até encontrar a solução pressupõe acreditar no destino, acreditar que o projecto já existe previamente antes de ser descoberto pelo desenho. Lembro-me que nos últimos anos do curso reflectíamos este assunto com Fernando Lisboa - um amigo que não esquecemos - de como este método personificado por Siza era belo e inatingível. O ensino do projecto era ainda muito marcado por ideologias que queriam mudar o mundo. A nossa geração marca uma charneira, estávamos atentos a outros métodos, no 4º ano Eduardo Souto de Moura insistia que cada projecto deveria conter uma ‘ideia força’, um conceito facilmente perceptível. No início estava a síntese. No primeiro esquisso estava a solução final. Mostravam-nos Rossi, Gregotti, Herzog & DeMeuron, Donald Judd. Queríamos ter certezas, ainda não tínhamos experimentado a sabedoria da incerteza.

arq|a: Assumem no campo da arquitectura as influências de Souto de Moura, com quem o Francisco trabalhou. Por outro lado, a Cristina estagiou com Álvaro Siza. De que forma essas influências foram estruturantes no vosso percurso?

CG+FVC: Do período de Estágio no escritório de Souto de Moura e de Siza Vieira inspirou-nos um certo laconismo e o aparente desprendimento com que se encara o projecto; o realismo e pragmatismo de construtores, o comprometimento com a realidade concreta; o desenho como instrumento de rigor e medida, de clarificação e de síntese. Esta foi a maior lição de Siza e Souto de Moura o disciplinado e rigoroso processo de desenho – base para subverter – diz Siza “... procuro ser rigoroso, isto é, menos dependente das minhas obsessões”.

arq|a: Apesar de não gostarem de ser catalogados minimalistas, assumem um interesse particular pelo trabalho de Donald Judd e consequentemente pelo “minimalismo”. O que vos interessa nessas práticas artísticas?

CG+FVC: Continua a existir, ainda hoje, muito espaço no campo da arquitectura para se reflectir a partir do elementar. Na escola e no início da carreira, a obra e escritos críticos de Donald Judd, tem grande impacto sobre nós. Os primeiros projectos - *Café do Cais*, *Pavilhão das Belas Arte*, *Pré-gaia*, *Caldeiras* - isolam princípios formais e estruturais elementares numa busca de abstracção, “nada de alusões, nada de ilusões”, resumindo o projecto à clareza formal e à correcta proporção. Não nos interessam os “ismos” mas as práticas artísticas individuais: em Judd a proporção elevada à qualidade de ordem moral, em Dan Graham os efeitos sociológicos e psicológicos que os jogos

de espelhos provocam, experimentados no *Bares de Gaia*, *Bares de Évora* e nas janelas ecrãs do *Edifício Bessa Leite* e do *Edifício das Caldeiras*.

arq|a: Na exposição «Metaflux», Pedro Gadanho e Luís Tavares Pereira distinguiram duas gerações na arquitectura portuguesa recente, uma X mais velha, em que vos incluíram, e uma mais nova Y. Como interpretam essa diferença geracional?

CG+FVC: Foi a primeira vez que nos consideraram mais velhos e não gostámos muito...!

arq|a: O vosso percurso tem sido marcado por múltiplas colaborações, continuadas, no caso de João Mendes Ribeiro, ou mais pontuais, como aconteceu com Serôdio Furtado, Fernando Pinto Coelho, José Paulo dos Santos, aNC Architectos ou Inês Lobo. Não parecendo meramente circunstanciais, o que determina essas parcerias?

CG+FVC: As parcerias são a resposta a uma vontade grande de trocar experiências e metodologias com colegas e amigos que admiramos incondicionalmente, aliada muitas vezes à necessidade prática de obter currículo para poder ter equipa para concorrer a concursos públicos de prévia qualificação. As parcerias marcam momentos muito positivos, de grande energia e enriquecimento do atelier. Para nós foram também de extrema importância o conhecimento que a prática de, e em, ‘workshops’, nos proporcionou, Marcel Meili, Aires Mateus e Mansilha e Tuñon.

arq|a: Algo de fundamental parece distinguir os bares e edifícios industriais dos projectos habitacionais e equipamentos culturais, para além das naturais diferenças de escala, programa e contexto. Parece existir uma maior contenção nos programas tradicionais da disciplina que desaparece quando enfrentam tipologias normalmente consideradas menores ou marginais. Concordam?



Rede Social da PréGaia, Gaia, 2000 -



Foto: Luís Ferreira Alves

Bar do Calém, Vila Nova de Gaia, 1999-2002

CG+FVC: Trabalhamos todos os projectos com o mesmo empenho, em todos tentamos ir ao limite – nem que o limite seja silencioso e anónimo; como quando trabalhamos os edifícios domésticos e a esfera do mundo privado.

arqla: Referem-se muitas vezes a uma dualidade entre o permanente e o efémero, entendendo-os como campos de actividade diferenciados. Existe, no vosso entender, uma diferença de natureza entre a “construção perene” e a “construção efémera”?

CG+FVC: Naturalmente que sim, a “construção efémera” pressupõe um reduzido tempo de vida do objecto arquitectónico, lógicas construtivas próprias, rápida montagem e desmontagem, autonomia das construções em relação aos lugares ou pré-existências. Veja-se, por exemplo, os nossos projectos efémeros, localizados em locais de forte carga histórica: os bares nas margens do Douro, e as instalações de Centros Interpretativos no Mosteiro da Batalha e na Fortaleza Nossa Senhora da Luz, cuja efemeridade convive com o perene.

arqla: Pedro Jordão e Susana Faria salientaram na vossa obra a dualidade entre a imposição de uma “regra” e a necessidade da sua “subversão”. Como caracterizariam nos vossos projectos essa dualidade entre lógica regradora e estratégias de subversão?

CG+FVC: Subversão e regra são temas que nos agradam: criar as regras para subverter. Trabalhamos em situações limite, nas contrariedades, emocionamo-nos sempre com a oportunidade que um novo projecto nos dá condições para resolver problemas. Fazer

arquitectura é conseguir ler os sinais e dar sentido ao que existe. Eduardo Lourenço em *Ocasionais II* fala precisamente desta condição de ‘Deuses Ocasionais’ dos breves momentos irracionais em que se arrisca e se dá um passo à frente para fixar as novas regras para subverter.

arqla: Fundamentam grandemente o vosso processo criativo na apropriação da tecnologia, num sentido de atenção ao material e aos processos construtivos, numa abordagem que procura ir aos “limites”. O que vos fascina na tecnologia?

CG+FVC: Fascina-nos a relação da tecnologia com a nostalgia. Gostamos de usar os meios disponíveis para cada projecto, contrapondo à sofisticação construtiva, os sistemas mais arcaicos e ancestrais de construir. Não é o desejo de sofisticação construtiva que nos move, move-nos o desejo de potenciar as qualidades e atributos dos materiais, bem como apurar as técnicas construtivas mais apropriadas para cada projecto.

Num país de poucos recursos técnicos, gostamos de esbater as barreiras entre a alta tecnologia e o artesanal. Na Inapal Metal agradam-nos as possibilidades da utilização de um só material de revestimento (chapa trapezoidal) que nos remete simultaneamente para o universo tecnológico (pela sua uniformidade e perfeição do desempenho da chapa como revestimento), bem como, para a expressividade e imperfeição do mundo artesanal (pelo corte em tiras da chapa).

arqla: Tal como em Le Corbusier, referem muitas vezes o vosso fascínio pelas lógicas espaciais das máquinas que caracterizaram

Fascina-nos a relação da tecnologia com a nostalgia. Gostamos de usar os meios disponíveis para cada projecto, contrapondo à sofisticação construtiva, os sistemas mais arcaicos e ancestrais de construir. Não é o desejo de sofisticação construtiva que nos move, move-nos o desejo de potenciar as qualidades e atributos dos materiais, bem como apurar as técnicas construtivas mais apropriadas para cada projecto.

a modernidade. No “existenzminimum” dos meios de transporte, interessam-se particularmente pelas formas essenciais de organização do espaço e pela integração total da arquitectura e do design. De que forma procuram aplicar estas ideias na vossa arquitectura?

CG+FVC: Sempre que existem constrangimentos de construir programas em locais de forte impacto na paisagem e no património, reportamo-nos ao universo das áreas mínimas - de outras disciplinas como o design e ergonomia - minimizando o efeito das volumetrias. Para desenvolver os corpos de serviços dos bares de Gaia, Bukminster Fuller foi uma inspiração com a sua 'dymaxion bathroom'. A influência náutica e aeronáutica está também presente no corpo de serviços dos bares, na apropriação de um sistema construtivo leve de carlinga e na implantação lateral de todas as funções necessárias deixando o espaço central liberto; num barco o lastro está sempre dos lados, circula-se pelo centro, até por uma questão de equilíbrio... A Regulamentação excepcional destes locais possibilita, ainda, esta investigação.

arq|a: Está esse vosso interesse pelo “avião” e “barco” de alguma forma relacionado com as mobilidades contemporâneas e o que alguns definiram como condição existencial nómada?

CG+FVC: Como já referimos anteriormente, o nosso interesse pela mobilidade, encontra-se nas respostas a constrangimentos muito específicos (desproporção/desajuste das volumetrias impostas para os locais). A arquitectura não pode ficar indiferente a uma sociedade que se caracteriza pela constante mudança – a fluidez da mobilidade física, a informatização - tudo converge para a sensação de um constante aumento de tudo o que é instável, móvel, perecível, descartável, efémero; como constata Álvaro Domingues troca-se facilmente um ponto fixo por uma geometria móvel.



Museu Carlos Machado, Açores, 2008 -

arq|a: Por outro lado, os vossos projectos revelam uma atenção vinculada aos princípios modernos de modulação, serialização e pré-fabricação. A este nível, as vossas decisões projectuais negociam um equilíbrio entre uma resposta antropométrica e uma resposta técnica, ou seja, entre a ergonomia humana e a realidade da indústria. Interessam-vos a síntese entre a escala humana e a dimensão construtiva?

CG+FVC: Interessam-nos a qualidade de vida que a arquitectura pode proporcionar a quem habita os espaços. Nos projectos das fábricas (autoeuropa) as exigências da indústria - modulação, serializações e pré-fabricação - complementam-se com o desenho individualizado e personificado dos espaços de trabalho do staff. No projecto dos edifícios de escritórios da *Pré-gaia* investe-se no desenho exaustivo e ergonómico da linha de mobiliário de cada posto de trabalho em contraponto à serialização do módulo; no caso do edifício de escritórios de *Bessa Leite* investe-se no desenho do vão e no seu posicionamento ligeiramente desalinhado em cada piso, na fachada, conferindo individualidade e identidade.

arq|a: As imagens com que explicam os projectos evidenciam um interesse profundo pelo processo construtivo, simultaneamente conceptual e material. De facto, isso revela-se quando recorrem tanto a imagens do mundo da arte como a imagens da construção. Existe uma dimensão poética na vossa apropriação dos modernos processos industriais?

CG+FVC: O potencial poético de imagens retiradas como fragmentos de ambientes da construção, e de infra-estruturas industriais interessam-nos como reciclagem do nosso processo de trabalho. Paralelamente, interessam-nos as pesquisas marginais à arquitectura, que trabalham ao limite os materiais potenciando os seus atributos.



arqla: É dessa confluência entre a ideia e a materialidade que nasce o vosso interesse pelo estaleiro e pela experiência da obra?

CG+FVC: Há sempre um deslumbramento pela obra em construção, sente-se uma emoção forte no estaleiro, a entender os processos construtivos e as materialidades possíveis. O processo de construção dá-nos outro tipo de conhecimento.

Nas reuniões de obras – dados os prazos e custo rígidos – adrenalina é igualada à alta competição – o arquitecto tem que resolver, no instante, o inesperado.

arqla: Tal como Souto de Moura afirmou recentemente, a arquitectura mente. Sintomaticamente, em relação ao Bar de Gaia, o Francisco dizia que “parece tudo muito simples, mas é tudo muito complicado lá por dentro”. Perante o trabalho de dissimulação ou ocultação que define o projecto arquitectónico, como se pode fundamentar uma ideia de autenticidade material e construtiva?

CG+FVC: A verdade é o que se conhece. A busca exaustiva (da fundamentação) da verdade e autenticidade dos materiais pode levar-nos muitas vezes a situações elitistas e muito dispendiosas (se muitos admiram as obras de Zumthor ressalvem-se, no entanto, os seus custos exorbitantes). No pólo oposto Lacaton & Vassal, mostram-nos ‘autenticidade’ ao trabalhar com o precário e elementar a custos (e confortos) reduzidos. Nos últimos projectos que estão a decorrer no atelier – Adega, Teleférico, CAC – interessa-nos revisitar princípios que

utilizam/trabalham com realidades construtivas de baixo custo onde a expressividade/ autenticidade são consideradas.

arqla: Por outro lado, em alguns projectos parece revelar-se uma dualidade entre o construtivo e o linguístico. Existe não apenas uma exploração do material e processos construtivos, mas igualmente uma dimensão alusiva ou metafórica do objecto, por exemplo, ao comboio no Bar de Gaia, ao mundo automóvel na Inapal ou mesmo à viga U no edifício Prégaia. Como se estabelece nos projectos essa relação entre materialidade e linguagem?

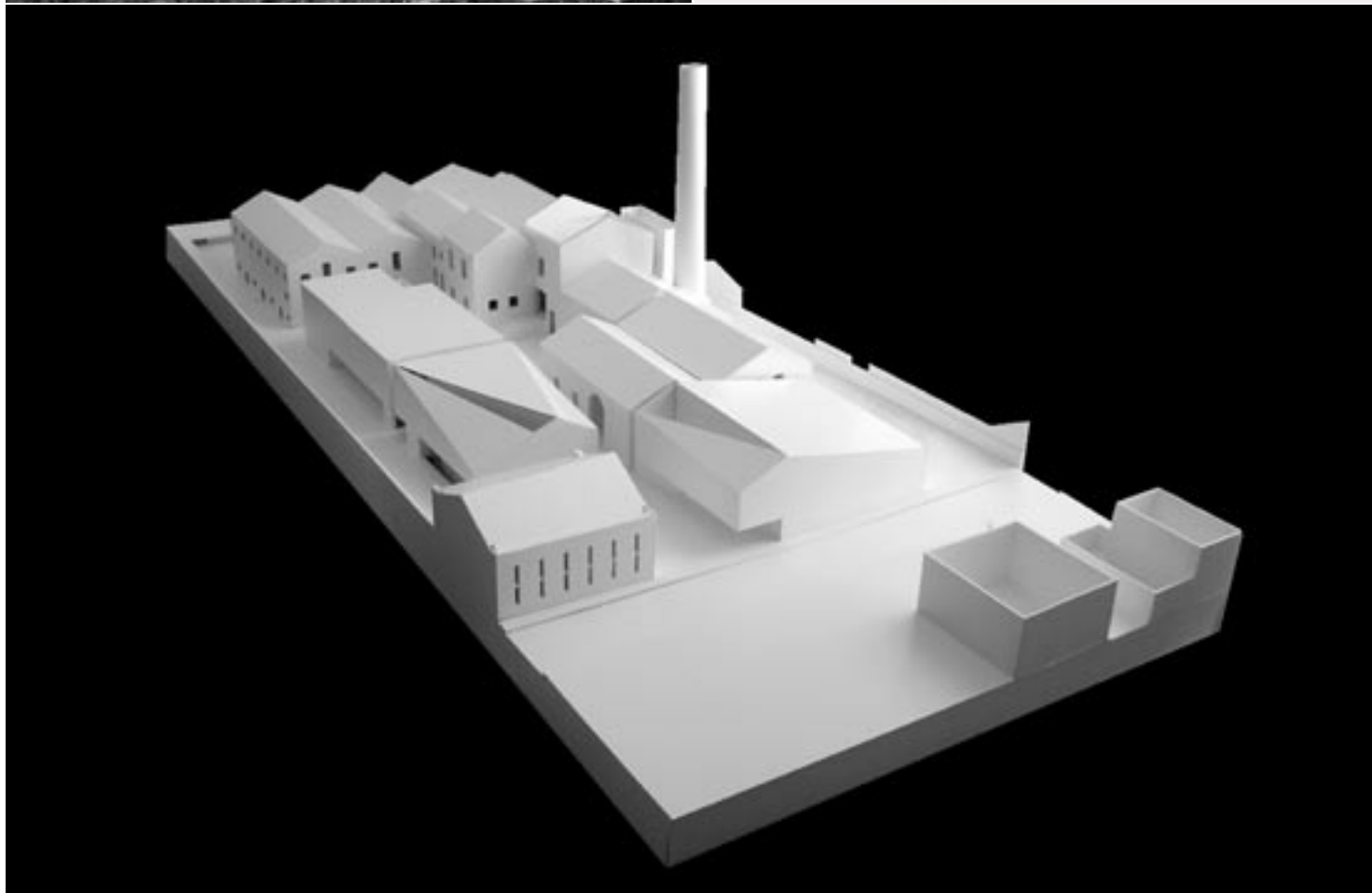
CG+FVC: A materialidade de um edifício parte de um conceito gerador, muitas vezes definido por uma referência concreta. Investiga-se o que está disponível e mais directamente relacionado com cada projecto. O módulo em U da *pré-gaia* é resposta aos constrangimentos da pré-fabricação: a forma em U dá estabilidade e minimiza os pontos frágeis de ligação e simultaneamente permite obter uma superfície/parede acabada no interior de cada espaço. As suas proporções resultam da viabilidade construtiva, estrutural, económica e espacial. Nos *bares*, o carácter público das margens são a resposta à alusão à mobilidade e abstracção de um equipamento que não pertence ao lugar. Nas fábricas da *Autoeuropa* a tecnologia de ponta na fabricação das peças automóveis impressionou-nos.

arqla: Yehuda Safran salientou a vossa atenção à “pele” do edifício, como interface entre interior e exterior. De facto, nos bares e edifícios



Centro de Arte Contemporânea de Tavira, Algarve, 2006 -

O potencial poético de imagens retiradas como fragmentos de ambientes da construção, e de infra-estruturas industriais interessam-nos como reciclagem do nosso processo de trabalho. Paralelamente, interessa-nos as pesquisas marginais à arquitectura, que trabalham ao limite os materiais potenciando os seus atributos.



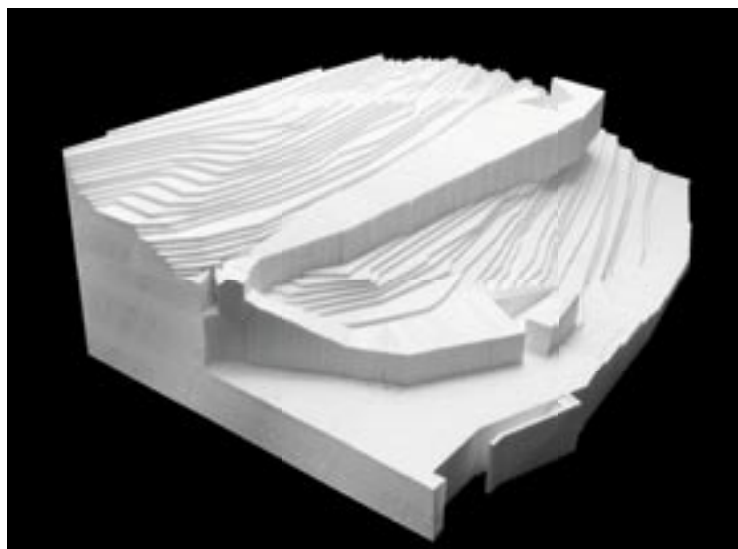
Centro de Arte Contemporânea do Açores (CAC), São Miguel, Açores, 2007 -

industriais parece existir um verdadeiro teste à nossa percepção, com objectos e superfícies abstractas que engendram complexos jogos de transparência e opacidade, iluminação e reflexão, materialidade e imaterialidade, etc. Nesse âmbito, parecem aproximar-se das investigações das propriedades múltiplas da matéria de Herzog & de Meuron. Como definiriam a ideia de pele em arquitectura?

CG+FVC: Yehuda Safran ofereceu-nos um belo texto sobre a métrica, regra e repetição baseado nos desenhos de fachadas dos nossos pavilhões iniciais, onde refere que, tal como nos plissados do estilista Issey Miyaki, os materiais e a sua matriz são capazes de gerar forma. Nós constatamos que a pele pode ser revestimento ou estrutura: na Inapal Metal a pele é revestimento; no novo volume da Esplanada Ar de Rio a pele torna-se estrutura. Aparentemente com um mesmo tema formal – o favo de abelha – os dois projectos mostram diferentes materialidades.

arq|a: Vindos de uma formação onde a atenção ao lugar é uma questão fundamental, como definiriam a vossa abordagem ao contexto de intervenção?

CG+FVC: A palavra contexto tem múltiplas interpretações: para Venturi... talvez sejam os placards publicitários; para Herzog – são as condições de produção locais. Pensamos que cada projecto deve representar sempre um renovado empenho em captar o que é único e intransferível em cada episódio arquitectónico. A incorporação da circunstância, a atenção aos limites das possibilidades de realização, aos meios disponíveis, as condições de produção locais, às vivências e cultura dos lugares, a capacidade de utilização do projecto como ferramenta de leitura e reavaliação do território cultural e físico – são aspectos da nossa formação que estão presentes.



Adega Quinta do Vallado, Peso da Régua, 2007-2009

arq|a: Têm investido nos últimos anos na resposta a concursos de equipamentos culturais para reabilitação de edifícios existentes, em especial programas museológicos, muitos deles realizados em parceria com Mendes Ribeiro. Como caracterizariam a vossa abordagem projectual à intervenção sobre o património?

CG+FVC: Há duas ideias chave que nos acompanham quando intervimos no património: “mudar para que tudo fique na mesma; para que o essencial permaneça” Lampedusa e a definição de arquitectura de Jean Braudillard “a arquitectura é uma mistura de nostalgia e antecipação extrema”. Tem sido um desafio a oportunidade de confrontar o Património com programas de certa forma inovadores: Centros interpretativos (no Mosteiro da Batalha e Fortaleza Nª Senhora da Luz, Cascais) e Centro de Arte Contemporânea/residências artísticas (Fabrica do Álcool Açores, CAC), Centro de Estudos de Fotografia (no Edifício das Caldeiras; Coimbra reconvertido em Escola de Artes). Nos primeiros projectos de intervenção no património – centros interpretativos – onde há que construir dentro da pré-existência – recorremos a estratégias de desmaterialização e de invisibilidade – na Batalha uma cortina/bastidor de escala gigante resolve o programa, na Fortaleza, o programa pedido é condensado em pequenos objectos singulares. Nos projectos de intervenção em edifícios industriais do séc. XIX – com possibilidade de áreas de expansão para albergar programa - temos utilizado estratégias de continuidade.

arq|a: Qual o vosso entendimento do espaço museológico contemporâneo?

CG+FVC: A arte posterior a 1968 instala-se, deixa de se pendurar simplesmente na parede. O êxito de espaços de exposições permanentes como Hallen für Neue Kunst, em Schaffhausen, Suíça, e a Fundação Chinati, em Marfa, Texas, mostra a relação extremamente precisa entre





Edifício Bessa Leite, Porto, 2006-2009

a arte e a sua situação específica. Os artistas contemporâneos expressaram a sua preferência em trabalhar em edifícios que foram apropriados para espaços de arte em vez de espaços construídos especialmente para a arte. Esta constatação parece-nos uma provocação positiva para encarar os projectos de ocupação de edifícios industriais, em desuso, como o antigo Edifício das Caldeiras e Antiga Fábrica do Álcool, na Ribeira Grande, Açores. A Antiga fábrica é “reinventada” pelo novo programa, Centro de Arte Contemporânea. O desenho do CAC tematiza o diálogo entre uma construção existente (antiga fábrica do álcool/tabaco) e novas construções (fábrica da cultura /produção de arte, reservas, sala multiusos/artes performativas, oficinas, laboratórios, estúdios-ateliers de artistas). O carácter industrial da construção mantém-se nas zonas do edifício existente e os novos espaços apresentam grande contenção nos materiais e detalhes sem renunciar à sua identidade própria, de modo a aumentar as possibilidades do campo de acção da produção artística. O CAC adquire a sua identidade pela variação tranquila entre edifício existente e novas construções, obtém-se a máxima eficácia na hierarquização espacial e funcional dos diferentes espaços do complexo fabril – e os dois novos edifícios (espaço multiusos/zona de oficinas/ateliers e reservas) que, por exigirem condições especiais não compatíveis com a pré-existência, resolvem as funcionalidades pedidas.

arq|a: Os vossos projectos propõem relações fortes com o espaço público. Isto é particularmente evidente tanto nas propostas “perenes”, com especial destaque para a intervenção nos bairros sociais, no Porto, como nas propostas ditas “efémeras”. Qual o papel da arquitectura na resposta ao espaço público contemporâneo?

CG+FVC: Nuno Portas desafiava-nos, na Escola, para lutarmos como arquitectos por construir espaço público numa época de voracidade do privado. Hoje há um grande contraste, nas nossas cidades alargadas, entre espaço público que é espaço excedentário – o espaço lixo - e as intervenções de embelezamento feitas por arquitectos. Quando vimos a oportunidade de poder fazer um projecto no espaço público de bairros sociais agarramo-la. Os orçamentos reduzidos poderiam levar-nos a uma estratégia de contenção no desenho, permitindo apropriações informais e lugar para os espaços de impunidade. A intervenção ambicionava marcar positivamente a vivência urbana e comunitária de um bairro em degradação, desregrado, com inúmeros casos de apropriação abusiva, e fechado sobre si mesmo, dificuldades a que acresciam uma topografia irregular e um traçado viário interno desactualizado. Preocupou-nos, ainda, o que estava enterrado, a infra-estruturação básica e primária; conseguir conciliar os tempos e vontades de múltiplas entidades é tarefa dos políticos e é maior que o desenho. ■

Fotos: Alberto Plácido